

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.080](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.080)

LITERATURA, CULTURA POPULAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

Leandro de Sousa Almeida

Doutorando em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), na qualidade de Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESO), leandro_almeida_15@hotmail.com.

Valéria Andrade

Professora Doutora em Letras na Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (UFCG/CDSA) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), com Pós-Doutorado em Estudos Avançados sobre a Utopia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal) e em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, val.andradepb@gmail.com.

RESUMO

Este artigo tem a finalidade de relatar a experiência do Estágio Docência I, realizado no âmbito do Doutorado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), durante o semestre 2020.2e. O estágio se deu na disciplina de Literatura e Cultura Popular da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Linguagens e Códigos (LECAMPO), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tomando como base as ideias das autoras Lúcio (2005), Ayala (2006) e Andrade (2008), este trabalho apresenta uma discussão sobre as implicações da leitura de obras literárias que dialogam com a cultura popular nordestina, com especial destaque para as peças da dramaturga paraibana Lourdes Ramalho (2008), além de questões sobre formação de professores leitores para a atuação em escolas do campo. Esta experiência de estágio resultou na sistematização de

propostas metodológicas para a realização de práticas de leitura literária relacionadas a esta temática nas salas de aula física e virtual de língua portuguesa e literatura de escolas do campo.

Palavras-chave: Práticas de leitura, Cultura popular, Professores leitores, Educação do Campo.

INTRODUÇÃO

O relatório compreende um requisito fundamental para a realização do Estágio Docência do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As atividades realizadas e descritas correspondem à atuação no campo de estágio, isto é, no curso de graduação em Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LECAMPO), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), na disciplina de *Literatura e Cultura Popular*, sob a supervisão da Prof. Dra. Valéria Andrade, no semestre 2020.2e (extraordinário). A disciplina de *Literatura e Cultura Popular* objetiva, segundo seu plano de curso, fornecer elementos para ampliar a noção de cultura popular, discutindo conceitos e suas relações com a obra literária, considerando também as diferentes manifestações literárias, sua produção e circulação. Respectivamente, seus objetivos específicos são: (1) compreender e conceituar cultura popular de uma perspectiva ampla, possibilitando a percepção das manifestações culturais como expressão de culturas específicas; (2) refletir sobre as relações entre cultura popular e literatura; (3) identificar e discutir diferentes expressões culturais populares no Brasil, considerando condições de produção e circulação; (4) refletir sobre diferentes modalidades de literatura popular no Brasil, tais como folhetos, repentes, cantorias, danças e teatro; (5) discutir possibilidades voltadas para o trabalho com literatura popular na sala de aula. Para o aprofundamento dos estudos no âmbito da disciplina, o plano de curso apresentou uma gama de teóricos cujas obras trazem discussões sobre as relações entre literatura e cultura popular, bem como do teatro/dramaturgia para crianças e manifestações artísticas populares como a poesia de cordel. Entre os autores, estão Antônio Arantes (2004), Maria Ignez Novais Ayala (2006), Marcos Ayala (1988 e 2006), Luiz da Câmara Cascudo (2004), Ana Cristina M. Lúcio (2005), Joseph Luyten (2005), Ecléa Bosi (2000) e Ana Cristina Marinho Lúcio e Hélder Pinheiro (2001).

METODOLOGIA

Assim como orienta o plano de curso da disciplina, especificamente em sua metodologia no citado semestre letivo, as atividades foram realizadas de forma remota – devido à pandemia do COVID-19 – mediante utilização de plataformas digitais (*Google Meet* e *Google Classroom*) para a realização de atividades síncronas (1h/semana), consistindo em apresentações interativas sobre a temática a partir das leituras de textos e outros materiais indicados, como filmes e vídeos, bem como partilha de Leituras Anotadas produzidas individualmente durante a disciplina; e atividades assíncronas (1h/semana), em que se incluem 1) leitura de materiais teórico-críticos e literários em suporte textual e audiovisual, 2) escrita das Leituras Anotadas e 3) elaboração de breves sínteses analítico-comparativas considerando a base teórica sobre cultura popular e excertos literários selecionados com vistas a estimular as discussões sobre as relações entre as duas áreas que deverão ser utilizadas na preparação de seminários em equipe, trabalhos escritos e estudos dirigidos.

Foram realizadas reuniões para planejamento da execução das atividades de estágio no âmbito da disciplina de *Literatura e Cultura Popular* durante o semestre juntamente com a professora regente. Logo após, foram realizadas reuniões para a leitura e o estudo dos referenciais teóricos contidos na ementa da disciplina. Em seguida, iniciou-se o planejamento da participação do estagiário nas atividades de sala de aula, contribuindo como professor convidado. Portanto, a participação nas aulas da disciplina como professor convidado foi importante para a formação do estagiário da pós-graduação, visto que colaborou com a ampliação dos seus estudos no âmbito da sua formação na área de literatura e estudos interculturais. Além disso, a regência compartilhada ajudou o estagiário a refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem no âmbito da docência do ensino superior, para a qual foi realizada uma participação que contribuiu para os alunos do curso de graduação de formação de professores para as escolas do campo – LECAMPO. A carga horária semanal foi de 04 horas, distribuídas em atividades no âmbito acadêmico, bem como atividades extraclasse, quando se fizeram necessárias (monitoria, reuniões,

planejamento), que estavam em alinhamento com os componentes curriculares, ou que fossem parte dos interesses da instituição de ensino e do curso superior. Além disso, as atividades descritas estão em conformidade com o regulamento de Estágio Docência, pelo que o discente estagiário deve realizar 20% da carga horária do componente curricular, referente às 60h/aulas em atividades síncronas e assíncronas, sob a supervisão da professora regente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este relato de experiência se constrói a partir da descrição dos objetivos propostos para o Plano de Trabalho submetido ao Estágio Docência, a partir dos quais se realizou um registro sistemático com comentários baseados na referida atividade na qualidade de Professor Convidado da disciplina de *Literatura e Cultura Popular* da LECAMPO/CDSA/UFCG. As atividades seguiram as respectivas etapas:

A) ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE TRABALHO CORRESPONDENTE AOS COMPONENTES DA EMENTA DA DISCIPLINA DE LITERATURA E CULTURA POPULAR COMO CUMPRIMENTO DAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO DOCÊNCIA NA LECAMPO.

Relativamente à etapa de elaboração da proposta do plano de trabalho, foi realizado um planejamento sistemático das atividades juntamente com a professora Dra. Valéria Andrade (CDSA/UFCG), de modo que elementos presentes na ementa da disciplina de *Literatura e Cultura Popular* fossem contemplados. Portanto, realizou-se leituras e estudo de referenciais teóricos no âmbito da disciplina a partir das indicações bibliográficas da professora regente, bem como da sua supervisão. Os planejamentos ajudaram na seleção dos conteúdos para a proposta de participação como professor convidado na LECAMPO, correspondentes aos componentes da referida ementa. Concordou-se que as discussões em sala de aula fossem voltadas para o tema da trans/interculturalidade, especialmente a partir dos conceitos de hibridização cultural e de adaptação intermidiática, os quais puderam ser discutidos à luz

das postulações teóricas de diversos autores, a exemplo de Maria Ignez Novais Ayala (1988; 2006), Ana Cristina Marinho Lúcio (2001) e Antonio Arantes (2004).

B) FOMENTO AO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E CULTURA POPULAR A PARTIR DAS DISCUSSÕES SOBRE CONCEITOS TEÓRICOS EM SALA DE AULA NA DOCÊNCIA COMPARTILHADA.

Desde o início da disciplina, os alunos da LECAMPO estavam discutindo sobre questões ligadas à trans/interculturalidade e os processos de hibridização cultural presentes na literatura popular do Nordeste. A participação como Professor Convidado na primeira aula de estágio (01/09/21) contribuiu para o aprofundamento e compartilhamento de ideias ligadas ao tema, visto que a regência compartilhada proporcionou que as aulas fossem mais interativas, não só em relação à dinâmica de partilha da regência da aula pelos professores, mas também aos alunos. Nesta aula se expôs um percurso histórico de constituição do conceito de hibridização cultural que, em síntese, é o processo pelo qual um fenômeno passa de uma cultura para outra, dizendo, por isso, respeito aos contatos e aos cruzamentos de culturas diferentes. Na órbita dessa discussão, outras concepções e prerrogativas teóricas alimentaram o debate, como hibridização cultural, transculturalidade, aculturação, multiculturalismo, mestiçagem e miscigenação.

Realizada essa discussão, a aula se encaminhou para a abordagem do texto *Riqueza de Pobre*, da autora Maria Ignez Novais Ayala (1997), a qual desenvolve o conceito de hibridização através de três abordagens no âmbito da literatura popular escrita e oral, isto é, a adaptação intercultural e intermediária de histórias medievais tradicionais no folheto de cordel, a articulação com temas ligados à utopia e as manifestações de cantadores de viola. Entre outros elementos destacados no texto, se evidenciou a noção de “tempo” em Oswaldo Elias Xidieh (1993), porquanto a autora frisa que a “paciência” é um aspecto importante, pois mesmo diante da realidade do tempo industrial de produção e disseminação de manifestações artísticas e culturais, a cultura popular se faz no tempo comunitário, isto é, da coletividade. Tempo comunitário, portanto, correspondem

aos momentos regulares em que as pessoas se reúnem, se encontram, trocam experiências e constroem vínculos comunitários, a exemplo de rodas de conversas na calçada, idas a feira, reuniões familiares, eventos de uma comunidade, associação comunitária, ou seja, tudo isso são momentos regulares de socialização e troca.

Figura 1 – Registro da aula (15/09/21) realizada com os alunos da LECAMPO/ CDSA/UFCG.



Fonte: acervo do estagiário

C) REALIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE TEXTO LITERÁRIO, A PARTIR DO QUAL SE EMPREENDA DISCUSSÕES SOBRE AS POSTULAÇÕES TEÓRICAS DE AUTORES PRESENTE NAS REFERÊNCIAS DO PLANO DE CURSO.

Esta atividade foi contextualizada com os interesses da pesquisa de Doutorado¹ em andamento no âmbito do PPGLI/UEPB, pelo que foram abordados conceitos tais como hibridização cultural, transculturalidade e adaptação intermediática. Além disso, se observou como esses conceitos estão imbricados nas obras literárias e demais manifestações artísticas da cultura popular, especialmente

1 Pesquisa intitulada *LerAtos e a Formação Continuada de Professores Leitores em Bibliotecas de Portugal e do Brasil*, sob a orientação da Prof. Dra. Valéria Andrade (PPGLI/UEPB).

no texto teatral *Maria Roupa de Palha* (2008), da autora Lourdes Ramalho, o qual está presente no *corpus* literário da pesquisa de Doutorado e no plano de curso da disciplina de *Literatura e Cultura Popular* da LECAMPO/UFCG/CDSA. Trata-se de uma narrativa na forma de texto dramático destinado à cena do teatro para crianças. Foi publicado na coletânea *Maria Roupa de Palha e outros textos para crianças* (RAMALHO, 2008), sob a organização das professoras Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho, atendendo ao desejo de fazer chegar seus textos a professores e alunos da educação básica. Distinguindo-se de outros textos da autora, o texto, assim como outros que integram o volume, a exemplo de *Novas aventuras de João Grilo e Corrupio e Tangará*, fundem verso e prosa no texto de teatro, sendo essa uma das marcas do repertório de obras para crianças de Lourdes Ramalho.

Como pode ser observado, a história de *Maria Roupa de Palha* dialoga com outros contos atribuídos ao repertório de narrativas infantis da cultura popular, tais como *Cinderela*, *Maria cara-de-pau*, *Maria Borracheira*, *O reino do vale verde*, *O reino da encantadora maravilha*, *O reino da Pedra Verde* (ANDRADE; LÚCIO, 2008). Essas são algumas das narrativas cujos motivos principais são retomados e adquirem nova roupagem na peça de Lourdes Ramalho. Além destas versões, outros contos se assemelham, como *Maria Borracheira*, versão de Henrique Lisboa, e *Maria tá riquinha*, de Seu Manoel (LÚCIO, 2005). Assim, sendo um empreendimento sociocultural de adaptação do atemporal mito de *Cinderela* em diálogo com outros contos de fadas populares, a história épica de *Maria Roupa de Palha* alude para um novo e ressignificado perfil de uma personagem protagonista feminina à luz dos últimos séculos. Deste modo, Maria surge como uma nova Cinderela em uma jornada de heroína que enfrenta os mais diversos desafios com a finalidade de concluir sua missão de chegar ao reino encantado de Ti-Rim-Tim-Tim, onde poderá encontrar o Príncipe – outrora Papagaio louro encantado –, que lhe confiou a missão de levar as joias do reino para a sua coroação e casamento. Em sua jornada, ela descobre que não pode chegar sozinha ao reino, porquanto deveria buscar e contar com a “atitude solidária” (ANDRADE; LÚCIO, 2008) de diferentes seres – Nuvens, Peixes, Lua, Sol, Vento e Asteroides – para encontrar o caminho certo, a fim de chegar ao seu destino.

Assim sendo, essa narrativa vislumbra uma mulher como protagonista de uma história que vai além de si mesma, pois não se trata apenas de uma donzela em busca de seu príncipe amado, mas também de um reino que por muito tempo esteve desgovernado em decorrência da ausência de seu regente que esteve amaldiçoado na forma de papagaio em uma terra distante por obra de uma fada má. Fica explícito que a coroação e o casamento de Maria com o Príncipe correspondem, para além de uma conquista épica de um sonho utópico com premiação para quem enfrentou desafios imensos e concluiu a sua jornada a fim de encontrar o seu amado, uma grande restauração na ordem social e, conseqüentemente, na vida de todos os seres encantados do reino de Ti-Rim-Tim-Tim. Portanto, foi realizada uma experiência de leitura performativa dessa obra inspirada no estudo de Almeida (2021), em que este texto dramático inspirou professores leitores em formação em uma jornada de leitura gamificada construída por meio da aplicação do Método LerAto na LECAMPO/CDSA/UFCG, na disciplina de *Práticas de Leituras Performativas* (semestre 2020.0). Assim sendo, realizou-se a leitura performativa – baseado nas ideias de Eliana Kefalás (2018) e Paul Zumthor (2007) – de *Maria Roupa de Palha* (2008) no âmbito do estágio docência. A experiência de leitura do texto foi bastante produtiva, seja pelo engajamento dos “leitores” (GOMES; REIS, 2017) na representação de personagens da narrativa dramática por meio da leitura performativa do texto, seja porque o texto é divertido de se ler.

D) APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO SOBRE PROPOSTAS DE LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA OS PROFESSORES EM FORMAÇÃO NA LECAMPO

Na aula seguinte (22/09/21), foram apresentadas algumas propostas de atividades em que a literatura e a cultura popular podem ser trabalhadas conjuntamente no contexto das escolas do campo. As quinze propostas foram compartilhadas com os professores leitores em formação na LECAMPO/CDSA/UFCG, as quais foram elaboradas a partir da leitura de várias obras sobre leitura literária e práticas artísticas na sala de aula, a exemplo de

Inês&Nós: ler e dizer amor de Pedro e Inês de Castro em salas de aula de Portugal e do Brasil (ANDRADE, 2021), Poesia na sala de aula (PINHEIRO 2018), Círculos de Leitura e Letramento Literário (COSSON, 2018), Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura (BAJOUR, 2012), Teatro e Dança nos anos iniciais (FERREIRA, 2012). Durante a discussão sobre a possibilidade de aplicação das respectivas atividades em sala de aula, novas estratégias e modulações foram acrescentadas e redefinidas nas propostas.

Figura 2 – Atividade 1: Brincar de representar



Fonte: acervo do estagiário

Figura 3 – Atividade 2: Relógio

2 Relógio

Essa é uma oficina destinada à construção de narrativas. Ela consiste em dividir os alunos em dois grupos. Um deles será o FUTURO e o outro o PASSADO. O professor inicia uma história e aponta para o aluno para que ele continue a contá-la (no passado ou no futuro). Depois o texto criado coletivamente é registrado. Para que a oficina ganhe dinâmica é importante que o professor escolha os alunos aleatoriamente, movendo os braços como se fossem ponteiros de um relógio. O ponteiro da hora poderá ser o passado e o ponteiro dos minutos poderá ser o futuro. O mesmo pode ser feito em termos de positivo e negativo para qualidades de uma personagem e daí por diante. A história básica que o professor usa nessa oficina pode ser justamente o início de um conto popular. Assim, os alunos poderão em seguida verificar como as histórias deles e a do autor se aproximam e se afastam ao retratar o futuro e o passado das personagens.



Fonte: acervo do estagiário

Figura 4 – Atividade 3: Mitologia brasileira

3 Mitologia brasileira

O professor inicia relembrando a importância dos mitos e como eles surgem. Depois, faz uma lista com os alunos de seres míticos da cultura popular brasileira: mula sem cabeça, boitatá, lara etc.

Com os nomes listados, divide a turma e pede a cada grupo que se encarregue de fazer pesquisas sobre alguns desses seres. O grupo poderá descrevê-lo, dizer a que região pertence, que outros nomes têm e narrar algumas das histórias em que aparece como protagonista.

Essa oficina serve para introduzir obras que tratem desses mitos de alguma maneira ou de mitos em geral.

Por fim, explorar a contação das histórias.



Fonte: acervo do estagiário


Figura 5 – Atividade 5: Versos criativos

Se essa rua fosse minha (Cantiga Popular)

Se essa rua
Se essa rua fosse minha
Eu mandava
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
**Para o meu
Para o meu amor passar**

Nessa rua
Nessa rua tem um bosque
Que se chama
Que se chama solidão
Dentro dele
Dentro dele mora um anjo
**Que roubou
Que roubou meu coração**

Se eu roubei
Se eu roubei teu coração
Tu roubaste
Tu roubaste o meu também
Se eu roubei
Se eu roubei teu coração
**É porque
É porque te quero bem**



4 Versos criativos

O professor apresenta um verso de poema e pede aos alunos que aproveitem o verso para fazer uma frase baseada no verso. A atividade pode ser a continuidade do verso ou uma mudança em sua composição.

Após todos os alunos criarem novos versos isolados, juntos eles podem formar um novo texto criativo. Não é necessário que seja um poema, pode, aliás, ser um texto narrativo ou letra de música.

Aqui é importante que o texto adaptado seja objeto de leitura da turma.

Fonte: acervo do estagiário

Figura 6 – Atividade 5: História desventurada

5 História desventurada

O professor conversa sobre histórias da tradição popular, mostrando que muitas histórias costumam terminar em desventura.

O professor pode ler a lenda de “Lua Cambará” e até exibir o filme.

Em seguida, convida os alunos a escreverem uma história de amor desventurada, oferecendo como ponto de partida duas personagens.

Essa história pode ser paralela a uma narrativa que trate desse mesmo tema. Desse modo, os alunos terão oportunidade de tecer um paralelo entre a história criada por eles e a história lida.



Ronaldo Correia de Brito

A história é considerada um mito fantasmagórico dos sertões dos Inhamuns, estando afixada ao bojo das lendas brasileiras do Nordeste.

Fonte: acervo do estagiário


Figura 7 – Atividade 6: Jogral

De rompante, um repente
(Martha Gonzalez)

Repentista 1:
Meu amigo, trovador, me explica o que é que há?
Descobriram uma empresa só com ave de rapina.
De onde devia jorrar petróleo,
Cavaram um poço de propina
Polícia nessa gentalha,
Para punir cada traquina!

Repentista 2:
Corrupção é doença ingrata
Que nesse País assola.
A pior das endemias,
Um vírus que não se isola.
Basta abrir licitação
Que vem um e diz: “É bola!”

◉ **6 Jogral**
Tradicionalmente, o jogral consiste na dramatização de um trecho ou recitação de trechos de obras, realizada com os alunos divididos em grupos de vozes. É o correspondente falado do canto coral.
O professor selecionará o trecho ou texto inteiro e montará o jogo de vozes, indicando quando e quem deve falar. É preciso não confundir o jogral com a simples leitura coletiva de um texto. Na verdade, ele é uma espécie de dramatização.

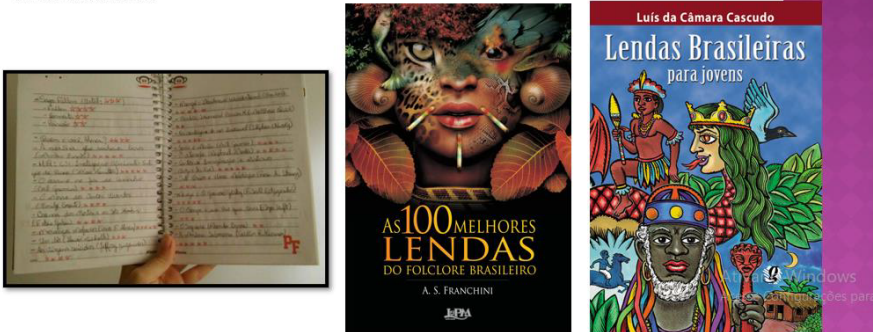


Ativar o Windows
Acesse as configurações para

Fonte: acervo do estagiário

Figura 8 – Atividade 7: Diários de leitura

◉ **7 Diários de leitura**
É uma atividade inspirada nos diários de bordo ou diários de campo. O professor orienta o aluno a escrever um diário, registrando suas impressões sobre um determinado livro durante a leitura.
O aluno pode fazer o registro por capítulos ou determinado número de páginas.
O diário pode assumir várias feições: o diário de leitura, que é o registro feito em casa pelo aluno à medida que for cumprido os prazos acertados com o professor.
Esse diário pode compreender a leitura de vários livros ou apenas um, pode também ser feito para ser trocado com colegas ou ser arquivado na biblioteca.



Ativar o Windows
Acesse as configurações para

Fonte: acervo do estagiário

Figura 9 – Atividade 8: Mudando a história

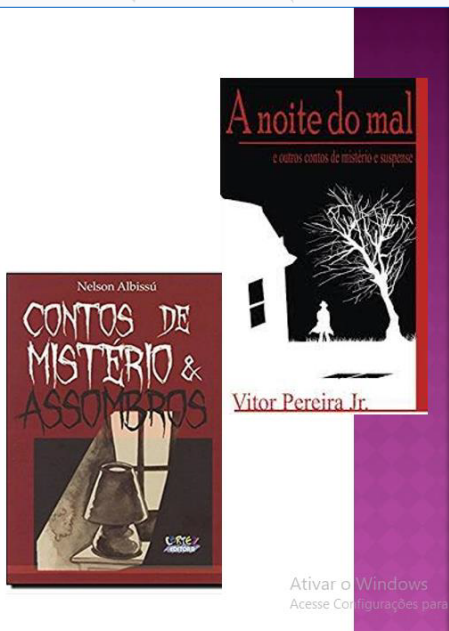
8 Mudando a história

A atividade mais comum de ler e mudar a história é aquela em que o professor retira o final para que os alunos escrevam outro.

Aqui, como em qualquer outra atividade de mudança da história, o importante não é a coincidência entre o fim original e aquele criado pelo aluno, mas sim a coerência que consegue estabelecer entre o desenrolar da narrativa e seu final.

Essa atividade não precisa ser feita apenas com a exclusão do epílogo. O professor pode solicitar que os alunos reescrevam o fecho dado pelo autor, fazendo a história ganhar finais alternativos.

Outra forma interessante de mudar o enredo consiste em continuar a história a partir do ponto em que o autor a encerrou.



Fonte: acervo do estagiário

Figura 10 – Atividade 9: Poesia-teatro

9 Poesia-teatro

Montagens teatrais mais longas ou pequenas encenações possibilitam um corpo a corpo com o poema, com a experiência de interpretação, que pede inúmeras leituras e releituras individuais, afora os ensaios coletivos.

As montagens estão situadas num campo fronteiriço. Quando oralmente executada, a poesia é recheada pelo trabalho da inflexão, do gesto, do movimento e até da dimensão visual, quando se trabalha com cenários.

O teatro é uma arte que, como a poesia lida com a emoção, com o sentimento, com a subjetividade. O clima que emana de uma montagem teatral é extremamente poético. Portanto, a aproximação poesia-teatro muito pode ajudar na formação de leitores.



Fonte: acervo do estagiário

Figura 11 – Atividade 10: Leitura em voz alta / Leitura Performativa

◉ **10 Leitura em Voz alta / Leitura Performativa**

Leitura em voz alta, fazendo com que o grupo perceba diferentes possibilidades de dizer um verso, dar expressividade a uma palavra ou expressão, trabalhar a altura desta ou daquela palavra.

Bilhete (Mário Quintana)

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
Enfim,
Tem de ser bem devagarinho, Amada,
Que a vida é breve, e o amor mais breve
ainda.



Ativar o Windows
Acesse Configurações para

Fonte: acervo do estagiário

Figura 12 – Atividade 11: Leitura brincante

A pombinha da mata (Cecília Meireles)

Três meninos na mata ouviram
uma pombinha gemer.

"Eu acho que ela está com fome",
disse o primeiro,
"e não tem nada para comer."

Três meninos na mata ouviram
uma pombinha carpir.

"Eu acho que ela ficou presa",
disse o segundo,
"e não sabe como fugir."

Três meninos na mata ouviram
uma pombinha gemer.

"Eu acho que ela está com saudade",
disse o terceiro,
"e com certeza vai morrer."



11 Leitura brincante

Depois de repetidas leituras, é hora de brincar um pouco, inspirados no poema. O cenário que nos é sugerido é uma mata. O que temos numa mata? Essa é uma boa pergunta para iniciar uma conversa. Anotar no quadro as observações dos alunos. Estimulá-los a indicarem outros pássaros, animais, tipos de plantas etc. Imitação dos diferentes cantos dos pássaros presentes em nossas matas. Depois, criar uma espécie de alvorada: todos os pássaros cantando ao mesmo tempo. Uns mais alto, outros, mais baixo. Como seria o canto de quem está presa, chorando, com saudade?

Ativar o Windows
Acesse Configurações para

Fonte: acervo do estagiário

Figura 13 – Atividade 12: Guardião do livro

◉ **12 GUARDIÃO DO LIVRO**

O professor estimula os alunos a escolherem livros da biblioteca e estipula um prazo para a leitura. Pode ser um mês, sendo que é importante dar a responsabilidade ao aluno de ter cuidado com o livro. De preferência, que ele faça a leitura todos os dias.

Também há a possibilidade dos alunos lerem com algum familiar em casa, contar as histórias para alguém de sua comunidade.

Encerrado o prazo, o professor pode marcar um encontro para que todos os alunos possam contar sobre sua experiência com o livro.



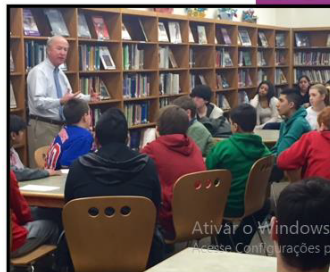
Fonte: acervo do estagiário

Figura 14 – Atividade 13: Círculo de leitura

◉ **13 Círculo de Leitura**

Trata-se de uma atividade de leitura independente em que grupos de alunos se reúnem para discutir a leitura de uma obra. Participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos.

- a) A escolha da obra que será objeto de leitura é feita pelos próprios estudantes ou professor;
- b) Os grupos são temporários e pequenos, ou seja, reúnem-se para a leitura de uma obra de quatro a cinco alunos que devem trocar de grupo na próxima obra;
- c) Os grupos leem diferentes obras ao mesmo tempo;
- d) As atividades dos grupos obedecem a um cronograma de encontros que estendem por meses;
- e) Registros feitos durante a leitura são fundamentais para desenvolver a discussão sobre o livro, podendo ser um diário de leitura, anotações em *post-it*;
- f) Os tópicos a serem discutidos são definidos pelos próprios alunos;
- g) As discussões em grupo devem ser livres para que os alunos as sintam como um processo natural de discussão;
- h) A função do professor é dar condições para que a atividade aconteça, agindo como um mediador/facilitador;
- i) A avaliação é feita por meio de observação e autoavaliação do aluno;
- j) Uma aula de círculo de leitura é uma aula divertida, com muita interação entre os alunos;
- k) Os novos grupos se formam a partir da seleção das obras pela leitura, ou seja, primeiro se escolhe a obra e os alunos que escolheram aquela obra formam um grupo;




Fonte: acervo do estagiário

Figura 15 – Atividade 14: Clube

© 14 Clube do livro - Fichas de função
 Cada aluno/leitor exerce uma função no grupo.

- a) **Coordenador**- Pessoas que estimula os participantes, organiza os encontros, tem capacidade de liderança;
- b) **Conector**- liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
- c) **Questionador**- prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual é o sentido deste ou daquele acontecimento?
- d) **Iluminador de passagens**- escolhe uma passagem para explicar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- e) **Ilustrador**- traz imagens para ilustrar o texto;
- f) **Dicionarista**- escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para o texto;
- g) **Cenógrafo**- descreve as cenas principais;
- h) **Perfilador**- traça um perfil das personagens mais interessantes



Fonte: acervo do estagiário

Figura 16 – Atividade 15: Comunidade Leitora Ubíqua

© 15 Comunidade Leitora Ubíqua

Um modelo mais atualizado do círculo de leitura e da comunidade leitora em que os participantes são conscientes de sua participação em comunidade, mesmo que não estejam no mesmo lugar/espaco e tempo/síncrono/assíncrono. No âmbito da comunidade, os leitores realizam atos de leitura que os tornam leitores ativos.

© A comunidade se utiliza de canais para a comunicação entre os leitores, a exemplo de:

1. Grupo do Whatsapp
2. Plataforma Moodle
3. Plataforma Padlet
4. Página no Facebook
5. Sala virtual no Google Meet/Zoom
6. Telefone/celular/rádio/carta



Fonte: acervo do estagiário

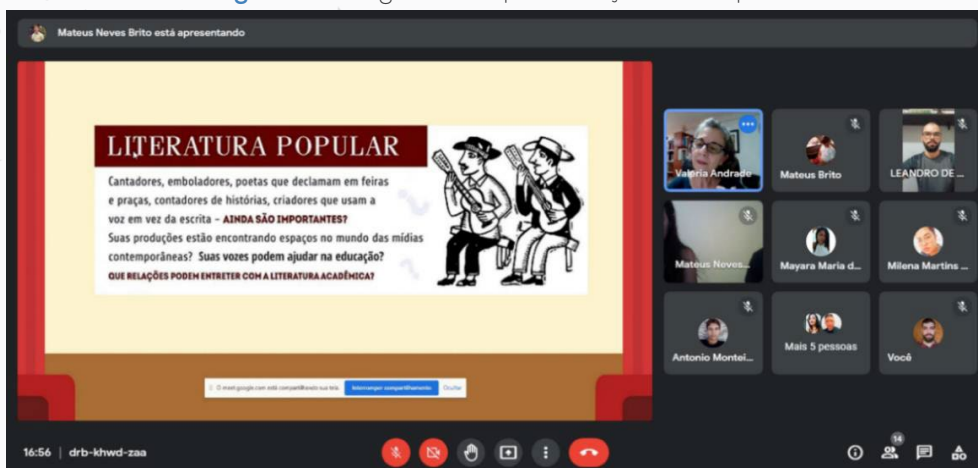
E) APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE LEITURA QUE ENFATIZEM A CULTURA POPULAR NA ESCOLA DO CAMPO MEDIADAS PELOS PROFESSORES LEITORES EM FORMAÇÃO NA LECAMPO/CDSA/UFCG.

Na aula seguinte (29/09/21), os professores leitores em formação na LECAMPO puderam apresentar suas propostas de atividade com a leitura literária e a cultura popular na escola do campo, a fim de compartilharem estratégias metodológicas construídas em grupos. Os professores em formação contaram com a orientação do estagiário na elaboração das suas propostas de atividade, sendo esta uma atribuição definida com a turma para que as apresentações seguissem o eixo temático relativo às relações entre a literatura e a cultura popular nas escolas do campo.

O Grupo 1 evidenciou questões sobre como a linguagem teatral pode ser incluída nas atividades escolares em articulação com a cultura popular. Assim, o que por muito tempo esteve restrito a uma pequena parcela da sociedade, passa a ser do povo. Como se sabe, o teatro é uma das melhores formas de comunicação humana para a criança ou adolescente, pois ajuda a expressar-se melhor, aumenta o senso de responsabilidade e comprometimento, além de elevar consideravelmente o nível de interesse pela leitura e aumentar a imaginação, que é um ingrediente primordial para a formação de qualquer pessoa, principalmente para despertar o artista que existe em cada ser humano. Trabalhar com teatro na sala de aula vai além de ensinar a fazer encenação a fim de montar um “teatrinho” em datas comemorativas. Ele pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica, mas, acima de tudo deve promover a fruição estética pelo fato de ser arte. Portanto, a proposta consiste em apresentar aos alunos o mundo do teatro, trazer grupos teatrais até a escola ou vice-versa, como por exemplo, realizar leitura individual, coletiva e discussão sobre a obra de Lourdes Ramalho, especialmente o texto dramático “Maria Roupas de Palha”. Além disso, incentivar os alunos a criarem suas próprias encenações, deixar ousarem na criatividade e da imaginação. O plano proposto se estende para mais de uma aula e tem como intuito fazer do aluno o próprio protagonista do projeto pedagógico. Os alunos poderão ter aulas teóricas a respeito do teatro e depois estarão participando

na prática. Mesmo depois que conhecerem espetáculos teatrais e textos dramatúrgicos e das quais já existem encenações, o objetivo é que os alunos produzam em conjunto um espetáculo próprio, a partir de suas próprias interpretações e visões sobre o texto lido, assistido, e comentado na sala.

Figura 17 – Registro da apresentação do Grupo 1



Fonte: acervo do estagiário

Na aula seguinte (06/10/21), o Grupo 2 evidenciou que é importante trabalhar a linguagem de cordel para que os alunos pratiquem a leitura e a escrita, proporcionando também o contato com o gênero textual cordel de forma lúdica e criativa, enquanto estrutura em versos e rimas, reconhecendo-o como um texto possível de ser lido, interpretado e declamado. Para introduzir o assunto sobre o cordel, defendeu-se ser necessário fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero. Depois, solicitar um trabalho de pesquisa sobre o gênero, que pode ser desenvolvido de diversas maneiras, por exemplo, uma pesquisa sobre a história da literatura de cordel, ou sobre a biografia do poeta Patativa do Assaré, ou ainda, elaborar uma pequena antologia de cordéis.

Nesta pesquisa pode constar uma apreciação na qual o aluno escreverá, com suas próprias palavras, o que entendeu do assunto proposto. Os alunos ficariam informados de que nas aulas seguintes será desenvolvido um trabalho em torno desse gênero, cujo objetivo final será a produção de um folheto a ser divulgado no mural da

escola, rede social ou qualquer outro canal de circulação de informações. A ideia é que os trabalhos iniciem com a leitura de folhetos trazidos em formato de papel impresso para que os alunos tenham contato com materiais tradicionais.

Os folhetos poderão ser expostos na sala de aula respeitando as características de sua origem primeira, isto é, sendo pendurados em barbantes, atravessando a sala. Em duplas, os alunos devem escolher um dos folhetos disponíveis e fazer a leitura, seguida de um roteiro para a avaliação. Este roteiro pode ser composto de perguntas de verificação de leitura e sensibilização para as características composicionais do gênero.

Além disso, o trabalho poderá se encaminhar para as oficinas de xilogravura, sendo que os alunos aprenderão a fazer, de maneira adaptada, usando a técnica da batata e/ou do isopor gravura como característica da ilustração do cordel, promovendo momentos de descontração. Por fim, iniciar o processo de escrita do folheto em grupos. Aos alunos será fornecido um folheto, feito em papel sulfite e capa colorida, sem texto, para que eles criem a história e a ilustrem.

Durante este processo, haverá orientação por parte do professor no intuito de auxiliar, por exemplo, no aperfeiçoamento das rimas. Após a finalização da escrita dos cordéis, poderá ser feita a avaliação em sala. Depois, todos se reunirão para assistirem as apresentações e declamações dos seus cordéis, permitindo, assim, a apreciação e divulgação dos trabalhos dos alunos, bem como sua apresentação posterior em um mural na escola ou rede social. Nesta parte, os alunos serão motivados a produzirem xilogravuras que ilustrem o cordel coletivo feito por toda a turma.

Para encerrar o trabalho feito pela classe, pode-se promover, junto aos alunos as seguintes etapas: (1) todo o material produzido ao longo das aulas será exposto na escola para que todos os alunos tenham acesso ao que foi desenvolvido; (2) publicação do resultado final (cordel e xilogravuras) nas redes sociais da escola; (3) leitura do cordel para os outros alunos da escola no momento de leitura compartilhada desenvolvido diariamente na escola; (4) implementação de oficinas artísticas onde os alunos envolvidos no trabalho desenvolvido possam ensinar aos demais a arte da xilogravura.

Portanto, levar a literatura de cordel para a escola significa oferecer um importante e motivante meio de educação cultural aos alunos, que através da poesia popular podem conhecer os aspectos da história do povo nordestino, bem como versar sobre qualquer assunto e ser utilizado como recurso pedagógico. A leitura do cordel conduz o leitor a um universo textual completamente diferente do habitual, onde a rima é um dos elementos que atrai e desperta a curiosidade, bem como de suscitar a sensibilidade artística. Quanto ao desenvolvimento da escrita os alunos, podem ser estimulados a compor, conhecer as rimas, os tipos de versos, assim como interpretar e ainda criar a própria xilogravura, despertando a criatividade.

Figura 18 – Registro da apresentação do Grupo 2



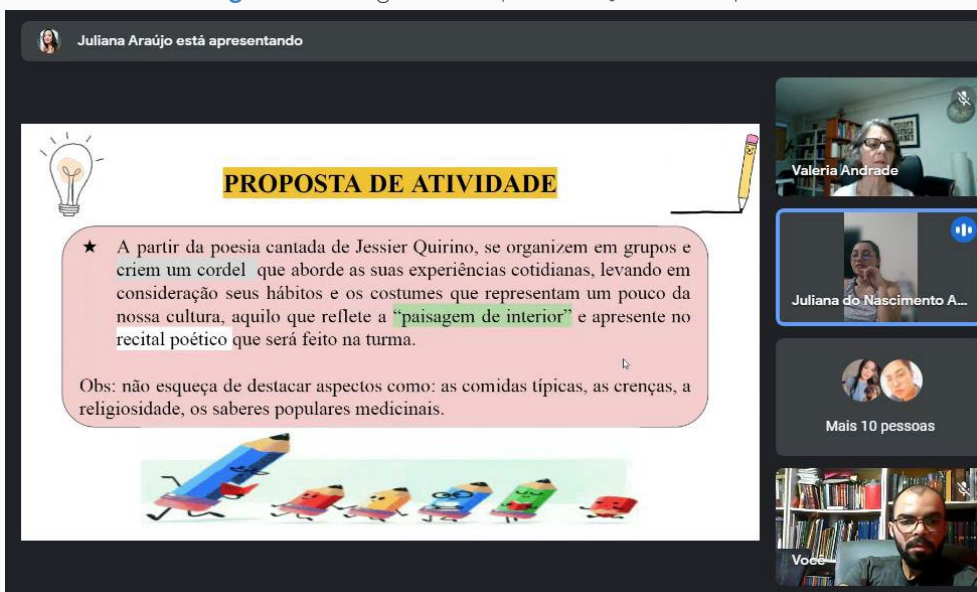
Fonte: acervo do estagiário

No mesmo encontro síncrono, o Grupo 3 apresentou a proposta de trabalho com a poesia de cordel relacionada ao cotidiano. Propôs-se que inicialmente se faria uma oficina para trabalhar a leitura dos cordéis, tendo em vista a sua importância na formação do aluno e no desenvolvimento da sua oralidade, do senso crítico e auxiliando também no processo de desenvolvimento crítico das ideias.

A oficina pode ser realizada em cinco encontros, sendo eles: (1) leitura e reprodução de vídeos, em que os alunos terão um contato prévio com o texto de Jessier Quirino, ou seja, "Paisagem de Interior", a partir do qual se fará uma leitura compartilhada e, em seguida, assistirá ao vídeo do poeta prestando atenção a elementos como a

postura de Jessier no palco e como ele enfatiza as palavras performaticamente. No encontro (2) conhecendo a estrutura dos cordéis, os alunos conhecerão o passo a passo da criação dos cordéis, desde a criação das ilustrações em xilogravura (forma mais popular, mas que pode ser adaptada com outros métodos que tornem o processo mais acessível, a exemplo do uso de isopor) que apresentem ilustrações que remetem ao conteúdo dos poemas, além do trabalho com a utilização de barbantes, estudo de métrica, rima, versos e estrofes. No encontro (3) criando os cordéis, os alunos serão divididos em cinco grupos, uma vez que cada grupo ficará responsável por criar o seu cordel de acordo com o tema sorteado. Os temas sugeridos podem ser: comidas típicas, crenças e religiosidade, saberes populares medicinais, a paisagem do “seu interior”, e a “paisagem” dos dias atuais (pandemia da Covid-19). No encontro (4) de apresentação dos cordéis para a turma, os grupos farão esta apresentação e os últimos ajustes de recital poético a ser apresentado para toda a escola. No encontro (5) de apresentação final no recital poético, os alunos, vestidos a caráter, apresentarão a versão final dos cordéis no recital poético organizado pela escola e pela turma.

Figura 19 – Registro da apresentação do Grupo 3



Juliana Araújo está apresentando

PROPOSTA DE ATIVIDADE

★ A partir da poesia cantada de Jessier Quirino, se organizem em grupos e criem um cordel que aborde as suas experiências cotidianas, levando em consideração seus hábitos e os costumes que representam um pouco da nossa cultura, aquilo que reflete a “paisagem de interior” e apresente no recital poético que será feito na turma.

Obs: não esqueça de destacar aspectos como: as comidas típicas, as crenças, a religiosidade, os saberes populares medicinais.

Valéria Andrade

Juliana do Nascimento A...

Mais 10 pessoas

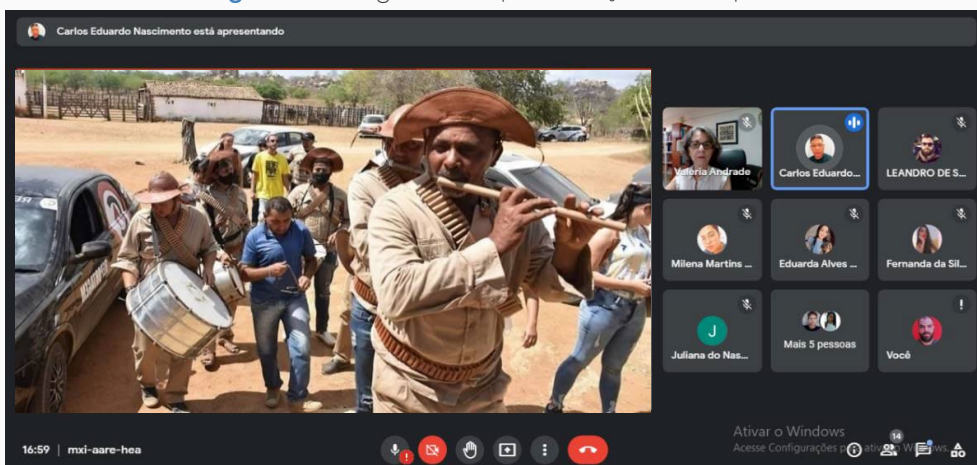
Você

Fonte: acervo do estagiário

O Grupo 4 apresentou (13/10/21) a proposta cujo objetivo principal seria trabalhar a linguagem musical e também o processo de desenvolvimento motor, cognitivo, entre outros que podem ser obtidos através desse trabalho musical. Foi apresentada pelo grupo uma banda de pífanos com mais de cem anos de existência, a qual se chama Banda de Pífanos de Pio X. A banda, ao decorrer desses anos, já se apresentou em diversos locais. Seu principal tipo de apresentação é nas novenas da região, em eventos culturais e outros tipos de festa. Na proposta, poderá ser chamado o mestre da banda para dar uma palestra, contando um pouco sobre a história e como a banda é nos dias atuais.

No segundo momento, proporcionar um encontro para realizar a produção do instrumento de sopro, chamado pífano, o qual pode ser produzido com materiais como o bambu ou cano de PVC. Em um terceiro momento, proporcionar um festival, onde se poderá usar os instrumentos para realização das atividades com os sons. Pensamos na proposta de realização de uma feira musical, onde cada turma irá apresentar a banda e seus respectivos instrumentos, divididos em cinco salas. No final aconteceria a junção dessas turmas para uma apresentação coletiva.

Figura 19 – Registro da apresentação do Grupo 4



Fonte: acervo do estagiário

F) AVALIAÇÃO SISTÊMICA E PROCESSUAL DO DESEMPENHO DOS ALUNOS NO ÂMBITO DA DISCIPLINA POR MEIO DE ENCONTROS SÍNCRONOS/VIRTUAIS REALIZADOS PELA PROFESSORA REGENTE E O PROFESSOR CONVIDADO/ESTAGIÁRIO

A disciplina foi concluída assim que todos os grupos apresentaram as propostas e, depois disso, puderam refletir por meio de uma autoavaliação na forma de roda de conversa sobre suas participações na disciplina, momento em que se observou a alegria de cada aluno em ter feito parte da disciplina, evidenciando principalmente suas trajetórias antes e depois da experiência.

O encontro (22/10/21) destinado à realização da avaliação do desempenho dos alunos durante e após a disciplina de *Literatura e Cultura Popular* fez parte das atribuições do estagiário na condição de professor convidado, visto que essa experiência de docência compartilhada também inclui a avaliação compartilhada entre os professores. Assim, se analisar o percurso de cada aluno individualmente durante a disciplina torna-se um desafio na formação do professor da educação básica, na condição de professor do ensino superior a avaliação se torna um desafio maior. A disciplina compõe duas notas, as quais são somadas e, posteriormente, realiza-se a média final. O estagiário fez parte da avaliação para a segunda nota e sua contribuição foi indispensável para se observar que o desempenho de vários alunos aumentou na segunda parte do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa experiência foi possível compreender que o processo teórico e prático de elaboração de aulas e docência compartilhada como Professor Convidado foi relevante na formação do estagiário no âmbito da pós-graduação, visto que colaborou com a ampliação dos seus estudos no que tange à formação na área dos Estudos Literários e Interculturais, em especial no tocante ao campo da Literatura em suas relações com a Cultura Popular, sendo de interesse no âmbito de sua pesquisa de Doutorado. Assim, o processo de criação de um plano de trabalho foi importante, pois ajudou o estagiário a refletir sobre os processos históricos de constituição

da Literatura Popular, além de possibilitar o acesso às leituras e discussões sobre os teóricos e autores cujas obras são fundamentais para o entendimento dessa área dos estudos literários. Para tanto, ainda houve a oportunidade de elaborar uma proposta de plano de trabalho a ser aplicado no âmbito do ensino superior para professores em formação na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LECAMPO), especialmente para a área de Linguagens e Códigos, sendo esta a área de formação do estagiário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Inês&Nós: uma aplicação do método LerAto**s na formação de professores leitores pela mediação do mito de Inês de Castro. 2021. 220f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4129>. Acessado em 08.06.2021.

ANDRADE, Valéria. **Inês&Nós: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil**: relatório final de pesquisa de pós-doutoramento (2018-2019) – 2019. Porto: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3tCYiZW>. Acessado em 17.06.2022.

ANDRADE, Valéria; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Teatro para crianças**: um reino encantado na dramaturgia de Lourdes Ramalho. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Maria roupa de palha e outros textos para crianças*. Vol. 1. Organização e introdução: Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Editora Bagagem, 2008, p. 7-24.

ARANTES, Antonio. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. **Cultura popular no Brasil**: perspectivas de análise. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

AYALA, Maria Ignez Novais. **No arranco do grito**: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Ática, 1988.

AYALA, Maria Ignez Novais. **Riqueza de pobre**. Literatura e Sociedade. 2, 2 (dez. 1997), 160-169. Disponível em: <https://bit.ly/3alvSx8>. Acessado em 17.10. 2021.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global, 2004. COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e Dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

GOMES, André Luis; REIS, Maria da Glória Magalhães dos. "Quartas Dramáticas": uma experiência com a encenação da leitura. In: ALVES, Lourdes Kaminski; MIRANDA, Célia Arns de. (Orgs.). **Teatro e ensino**: estratégias de leitura do texto dramático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 41-56.

KEFALÁS, Eliana Oliveira. O jogo do texto no ensino de literatura: por uma metodologia performativa. In: CARVALHO, Aluska Silva; CARVALHO, Aluska Silva; MILREU, Isis; SANTOS, Nyeberth Emanuel Pereira dos; OLIVEIRA, Paloma do Nascimento (Orgs.). **Literatura e outras artes**: interfaces, reflexões e diálogos com ensino. João Pessoa: Editora da UFCG, 2018, p. 241-262.

LÚCIO, Ana Cristina M. (Org.). **Teatro infantil e cultura popular**. Campina Grande: Bagagem, 2005.

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LÚCIO, Ana Cristina Marinho; PINHEIRO, Hélder. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Maria roupa de palha e outros textos para crianças**. Vol. 1. Organização e introdução: Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Editora Bagagem, 2008.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares**: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. Alfredo Bosi, Belo Horizonte, Itatiaia: São Paulo, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2 ed. Ver. Amp. 2007.